

Notas sobre a distribuição de quatro espécies de aves da Amazônia Brasileira

José Maria Cardoso da Silva *
Edwin O'Neill Willis **

RESUMO — São apresentados novos dados sobre a distribuição geográfica de *Anodorhynchus hyacinthinus*, *Aratinga s. solstitialis*, *Cyanicterus cyanicterus* e *Sporophila i. intermedia* na Amazônia brasileira. Essa última, com base num exemplar coletado no território de Roraima, representa a primeira ocorrência notificada para o Brasil.

Na presente nota, apresentamos novos dados sobre a distribuição geográfica de quatro espécies de aves que ocorrem na Amazônia brasileira: *Anodorhynchus hyacinthinus*, *Aratinga s. solstitialis*, *Cyanicterus cyanicterus* e *Sporophila i. intermedia*. Esta última é registrada pela primeira vez para o território nacional.

Anodorhynchus hyacinthinus (Latham)

A existência da arara-azul para a margem norte do rio Amazonas ainda é motivo de dúvidas. Goeldi (1897) registrou-a visualmente para o Amapá e Sneath (1914) para a cidade de Monte Alegre, baseando-se num exemplar coligido por A. Costa em 03 de agosto de 1904, registrado no catálogo da coleção ornitológica do Museu Goeldi sob o número 3.795 e enviado

* Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA.

** Professor Colaborador, Departamento de Zoologia, UNESP, 13500 Rio Claro, SP.

ainda no início do século para o Zoologisches Museum der Universität von Berlin, na Alemanha. Nesta mesma excursão, o referido coletor também fez algumas capturas em Cussary, na margem sul do Amazonas e em frente a Monte Alegre. Fernando Novaes chamou-nos a atenção para o fato de que eram comuns problemas com a rotulação dos espécimes coletados nas excursões do princípio do século, pois, às vezes, a etiqueta só era adicionada posteriormente, gerando dúvidas e controvérsias (vide Willis, 1979 para problemas semelhantes). Portanto, a real validade do registro supra-mencionado ainda é uma incógnita. Meyer de Schauensee (1966, 1982) e Pinto (1978), preferem não colocar a margem setentrional do Amazonas como ocorrência de *A. hyacinthinus*.

Durante viagem, por meio fluvial, de Belém a Santarém, em janeiro de 1984, o autor sênior teve a oportunidade de verificar, por duas vezes, vôos coletivos da arara-azul. Em 17 de janeiro, próximo a Breves (1°38'S e 50°25'W), aproximadamente às 17 horas, observou um bando de sete indivíduos voando lentamente, em direção à ilha do Marajó. Em 08 de janeiro, novamente, observou movimento semelhante, rumo à margem norte do Amazonas, às 16 horas, em algum ponto entre Almeirim (1°10'S e 52°0'W) e Prainha (1°45'S e 53°30'W). A primeira observação indica a ocorrência da espécie, pelo menos temporária, na região do delta do Amazonas. A segunda, do mesmo modo que a precedente, atesta a existência deste psitacídeo ao norte do Amazonas.

Como resultado das observações do autor sênior nas cabeceiras do rio Curuá-Una (outubro/84) e Serra Norte (julho-agosto/84), fundamenta-se a idéia de que a arara-azul centraliza grande parte de suas atividades nas matas ribeirinhas de várzea; mais raramente, nas matas de terra firme. Dentro das várzeas, há uma notória preferência de *A. hyacinthinus* pelas zonas mais densas de palmeiras, encontrando paralelo com o que ocorre nas populações das áreas pertencentes ao domínio do cerrado (Sick, 1965). Nestas zonas, abundam os coquinhos que

servem de base para a dieta da espécie, assim como locais preferidos para o repouso noturno (obs. pessoal do autor sênior) e atividades de nidificação (Sick, 1985). Entre toda a região ocupada por florestas de várzeas na Amazônia, estimada em 55.000 km² por Pires (1973), a porção que possui maior predominância de palmeiras é aquela localizada próximo ao estuário (Braga, 1979), exatamente nas proximidades dos locais de nossas observações. Portanto, o registro da espécie para o delta do Amazonas e adjacências (Almeirim e Prainha) não constitui nenhuma surpresa, pois não há fator algum que impeça a colonização destes habitats favoráveis por populações provindas do sul. A inexistência de registros anteriores de *A. hyacinthinus* para as localidades supracitadas merece considerável atenção. O porquê deste fato pode estar implícito na baixa densidade populacional da espécie e/ou em seus padrões de movimentos sazonais de largas distâncias, acompanhando possivelmente os ritmos fenológicos de algumas espécies vegetais.

***Aratinga solstitialis solstitialis* (Linnaeus)**

A distribuição deste psitacédeo abarca o sudeste da Venezuela, Guianas e porção adjacente do território brasileiro (Roraima, Amazonas e Pará) até à margem esquerda do rio Amazonas (Forshaw, 1978; Pinto, 1978). A existência desta ave para o sul do Amazonas foi certa vez admitida por Pinto (1938), porém retificada, posteriormente, pelo mesmo autor (Pinto, 1966), após exame mais acurado do histórico de coleta do exemplar que lhe tinha servido de base para a notificação. Meyer de Schauensee (1966, 1982) presumivelmente seguiu o antigo registro de Pinto, indicando *A. s. solstitialis* para a margem meridional do Amazonas.

Em 05 de janeiro de 1966, no igapó arbustivo do igarapé próximo à Coatá, Rio Canumã, Willis encontrou um grupo pequeno deste periquito bonito. Devido a outros estudos que

estavam sendo conduzidos nas matas de terra firme (Willis, 1968) e falta de tempo para a locomoção nas zonas alagadas, Willis não tentou reencontrar a espécie.

Pelas observações do autor sênior em Santarém, durante os anos de 1984 e 1985, foi constatada a existência de outra população deste periquito para o sul do Amazonas. Em 16 de janeiro de 1984, localizou a espécie em três pequenos bandos de 3, 5 e 6 indivíduos, dispersos na mata de várzea ao longo do furo do Maicá, na localidade com mesmo nome. Em 18 de outubro de 1984, teve o ensejo de novamente localizar a espécie (dois indivíduos) alimentando-se dos pequenos frutos de uma melastomatácea arbórea, num trecho de capoeira alagada, no bairro periférico denominado Rodagem. Observações subsequentes, em fevereiro de 1985, de dois bandos de 3 e 5 indivíduos, numa vegetação secundária no bairro do Urumari, corroboram a hipótese de que a espécie é residente durante todo o ano na região circunvizinha à cidade de Santarém.

Sobre a origem das populações de *A. s. solstitialis* em Coatá e Santarém, duas hipóteses podem ser sugeridas: ou essa subespécie foi introduzida pelo homem, da mesma maneira que a outra subespécie, *A. s. jandaya*, em Belém (Silva & Oren, MS); ou a espécie sempre existiu nas áreas alagadas. Coatá é um povoado em plena selva, de índios Mundurucus e a introdução da ave parece improvável. A ausência de registros dos antigos naturalistas-viajantes, mesmo que tenham coletado intensivamente em Santarém, pode ser resultado de poucas coletas no habitat preferencial da ave. A espécie deve ocorrer extensivamente na região ao sul do Amazonas, nas várzeas ou igapós arbustivos.

Cyanicterus cyanicterus (Vieillot)

Este lindo traupíneo (Emberizidae) é conhecido desde as Guianas até Manaus (Pinto, 1944) e Venezuela (Parkes, 1969). Ingels (1981), numa nota sobre plumagens, relata as localidades

para os espécimes em museus europeus. Até o momento, não foi registrado ao sul do rio Amazonas; seu comportamento não é conhecido.

Em 28 de março de 1966, nas copas das árvores da mata, a poucos quilômetros a leste de Borba, Rio Madeira, o autor júnior observou um casal. Em 1961, ele havia encontrado grupos pequenos desta ave nas copas e topos de árvores frutíferas na beirada de estradas nas matas da Guyana (Nappi Creek, na Serra de Kanaku, 24 km ao sul de Bartica). Juntam-se às vezes com outros traupíneos da copa, mas geralmente ocorrem separadamente. As observações e coletas desta ave são raras, provavelmente porque vive nas copas de mata de terra firme e raramente desce suficientemente para ser vista, principalmente nas beiradas de estradas e clareiras. Voa rapidamente por entre as copas e não deve ter problemas em atravessar os rios, no caso de estar disposta a voar sobre áreas sem mata. Borba fica a poucos quilômetros, em linha reta, ao sul da antiga área de coleta em Manaus; assim, era ali esperado o registro da ocorrência da ave.

***Sporophila intermedia intermedia* Cabanis**

MPEG 21.666 — Sexo, ♂. Rio Mucajaí, sul de Boa Vista. Território de Roraima (= Rio Branco). 13 de março de 1966; col: E. Dente.

Meyer de Schauensee (1966) já aventava a possibilidade de que *Sporophila intermedia* existisse em território brasileiro, nos limites com a Guiana Inglesa, mas faltava o material comprobatório. O exemplar examinado, identificado primeiramente por Fernando Novaes, alarga a distribuição da espécie mais para o sul, sendo seu primeiro registro para o Brasil. Os caracteres apresentados por tal exemplar permitem-nos incluí-lo, sem margem de dúvidas, na subespécie típica, cuja distribuição engloba

o norte da Colômbia, Venezuela e Guiana Inglesa (Meyer de Schauensee, 1952); agora inclui também parte do território de Roraima, no norte do Brasil.

A congênera amazônica que mais se aproxima de *S. i. intermedia* é *S. schistacea longipennis*. Porém, diferem na coloração azulada que predomina nas porções superiores e inferiores de ambas, de um tom muito mais escuro em *schistacea* do que em *intermedia*. A coloração das unhas é outro importante fator de distinção, pois assume coloração amarela ou laranja em *schistacea*, enquanto que em *intermedia* a cor é negra. As medidas de asa e cauda para machos, retiradas de Meyer de Schauensee (1952), apresentam os seguintes valores: *S. s. longipennis* (asa: 59-63 e cauda: 37-41); *S. i. intermedia* (asa: 53-59,5 e cauda: 42-48). O macho examinado tem asa de 59 mm e cauda de 50 mm. Verifica-se assim baixo grau e inexistência de sobreposição nas medidas de asa e cauda, respectivamente.

Em *schistacea*, a forma pontiaguda e o grande comprimento da asa em relação ao tamanho do corpo, se comparados com *intermedia*, designam importantes divergências ecológicas. Enquanto *schistacea* executa longos e freqüentes voos, procurando lugares de frutificação de bambus (Willis & Eisenmann, 1979), *intermedia* aproxima-se de suas congêneres de hábitos sedentários, ou que realizam migrações inter-habitats de curta distância.

AGRADECIMENTOS

Desejamos agradecer ao CNPq e ao Fundo Chapman do Museu Americano de História Natural (Nova Iorque, Estados Unidos), pelos auxílios prestados em nossas atividades.

Deixamos aqui consignados nossos agradecimentos às seguintes pessoas: Dr. David C. Oren, amigo e orientador; Dr. Fernando da Costa Novaes, pelo apoio, incentivo e sugestões em nossas atividades; Roberto Huet, por ter facilitado os estudos no rio Curuá-Una. Imprescindível foi o apoio da família Okada em Santarém, que gentilmente forneceu hospedagem para o autor sênior, durante seus estudos naquela cidade. Merece também menção a CVRD (Companhia Vale do Rio Doce), pelo apoio concedido aos estudos em Serra Norte.

ABSTRACT

New distributional data are presented for *Anodorhynchus hyacinthinus*, *Aratinga s. solstitialis*, *Cyanicterus cyanicterus*, and *Sporophila i. intermedia* in Brazilian Amazonia. This last species is reported in Brazil for the first time, based on a specimen from Roraima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, P.I.S.

- 1979 — Subdivisão fitogeográfica, tipos de vegetação, conservação e inventário florístico da floresta Amazônia. *Acta Amazon.*, Manaus, 9 (4): 53-80 (Supl.).

FORSHAW, J.M.

- 1978 — *Parrots of the world*. Melbourne, Lansdowne Editions 616 p.

GOELDI, E.A.

- 1897 — Ornithological results of a naturalist's visit to the coast-region of south Guiana. *Ibis*, London, (7) 3: 149-165.

INGELS, J.

- 1981 — The plumages of the Blue-backed Tanager, *Cyanicterus cyanicterus*. *Gerfaut*, Bruxelles, 71: 157-162.

MEYER DE SCHAUENSEE, R.

- 1952 — A review of the genus *Sporophila*. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.*, Philadelphia, 104: 153-196.
- 1966 — *The species of birds of South America and their distribution*. Pennsylvania, Livingston Publ. 577 p.
- 1982 — *A guide to the birds of South America*. Philadelphia. The Academy of Natural Science, 500 p.

PARKES, K.C.

- 1969 — The Blue-backed Tanager (*Cyanicterus cyanicterus*), a genus new to Venezuela, with notes on its plumages. *Auk*, Washington, 86: 568-569.

PINTO, O.M.

- 1938 — Catálogo das aves do Brasil. Primeira parte. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, 22: 1-566.
- 1944 — Catálogo das aves do Brasil. Segunda parte. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, 700 p:

1966 — Estudo crítico e catálogo remissivo das aves do Território Federal de Roraima. *Cad. da Amazônia*, Manaus, 8 : 1-176.

1978 — *Novo catálogo das aves do Brasil*. Primeira parte. São Paulo, 446.

PIRES, J.M.

1973 — Tipos de vegetação da Amazônia. *Publ. Avulsas Mus. para. Emilio Goeldi*, Belém, 20 : 179-202.

SICK, H.

1965 — A fauna do cerrado. *Arq. Zool. S. Paulo*, São Paulo, 12: 71-93.

1985 — *Ornitologia Brasileira ; uma introdução*. Brasília, Univ. de Brasília, 2 v. 828 p.

SNETHLAGE, E.

1914 — Catálogo das aves amazônicas. *Bol. Mus. Goeldi*, Belém, 8: 1-530.

WILLIS, E.O.

1968 — Taxonomy and behavior of Pale-faced Antbirds. *Auk*, Washington, 85 : 253-264.

1979 — Ecologia e comportamento da mãe-de-taoca (*Plegopsis nigromaculata*, Formicariidae). *Rev. Bras. Biol.*, Rio de Janeiro, 39 (1) : 117-159.

WILLIS, E.O. & E. EISENMANN

1979 — A revised list of birds of Barro Colorado Island, Panama. *Smithson. Contr. Zool.*, Washington, 291 : 1-39.